

# Artigo 3

Tema

**ALFABETIZAÇÃO**

## Fundamentos da alfabetização: Uma construção sobre quatro pilares

*Maria da Glória de Souza Almeida*

### RESUMO

O presente trabalho tenta mostrar a importância do processo de alfabetização na caminhada educacional de uma criança cega. A abordagem do tema tem como centro de análise a construção do conhecimento a partir do desenvolvimento e da conjugação de aspectos que determinarão a qualidade da aquisição da escrita e da leitura e o respectivo desempenho do alfabetizando.

### ABSTRACT

The aim of this paper is to show the importance of teaching the reading process for the education of a blind child. This study focuses the constructing knowledge through development of aspects which determines the quality of reading and writing.

# I n t r o d u ç ã o

O conhecimento humano forja-se na fusão de muitos elementos, saberes múltiplos que determinam a natureza do patrimônio adquirido.

Aspectos de diferentes ordens agregam-se, fatores de diferentes esferas crescem em grau de importância, cruzam-se áreas, entrelaçam-se ciências; nasce a “consciência do saber”.

O pensamento torna-se instrumento de transformação, ponto de apoio em cujo cerne repousa o poder criador, o senso estético, a formulação de conceitos, a fonte geradora do raciocínio lógico, como também extravasamento da emoção.

A educação enfeixa em si a multiplicidade de um conjunto de enriquecimento de largo espectro, que trabalha sobre objetos materiais e imateriais. A cognição, a cultura, o desempenho corporal e a afetividade mesclam-se, promovendo a inteireza de um projeto educacional que conduz o homem à inserção na sociedade, fazendo dele um membro efetivo e responsável pelo papel social que lhe cabe dentro do grupo a que pertence.

O processo de alfabetização coloca educadores e educandos diante de um amplo campo de aquisições. É uma construção multifacetada, uma etapa onde os desafios andam lado a lado com as descobertas e com a busca da autoconfiança.

Aquele que se alfabetiza desvela segredos, soluciona enigmas, desvenda mistérios, conquista espaços. Aquele que alfabetiza rasga horizontes, oferece oportunidades, desata nós, solta amarras.

É uma fase de profundas mudanças, de incontáveis ganhos, mas que impõe constante reflexão e aprimoramento.

Esperamos que este trabalho traga alguma contribuição aos alfabetizadores que pretendem atuar no atendimento a crianças cegas. Ao longo do seu desenvolvimento, discutiremos a necessidade da adoção de uma linha pedagógica mais aberta, novos procedimentos didáticos e os fundamentos essenciais que levam o alfabetizando a perceber com maior consciência e prazer a construção da escrita e da leitura, aquisições primordiais para seu ingresso no processo educativo dentro de padrões mais rígidos.

O período da alfabetização finca as bases da aprendizagem. A relevância que lhe devemos conferir é ilimitada. Lembremo-nos de que, no decurso desse processo, desenvolve-se um indivíduo. Faz-se imperativo, portanto, trabalhar para que se integrem satisfatoriamente os vários compartimentos que compõem esse ser em estágio de crescimento humano e intelectual.

## A s d i f e r e n t e s f a c e t a s d a a l f a b e t i z a ç ã o

É importante que os professores alfabetizadores tenham uma formação diversificada e sólida para que possam compreender em profundidade os mecanismos intrínsecos e extrínsecos do processo de alfabetização. Dentro da vida escolar, é inquestionável ser esse período aquele que suscita maiores dúvidas e pede cuidados especiais.

O alfabetizando é o indivíduo no “estado bruto”. Através de muitos estudos e de diversos enfoques, sabe-se que, ao chegar à escola, a criança já traz consigo um considerável conjunto de saberes. Entretanto, essa bagagem de conhecimento armazenou-se sem um direcionamento verdadeiramente educacional. A aprendizagem, nesse caso, ocorreu empiricamente, sem haver o rigor de qualquer sistematização.

Levando-se tal fato em conta, é preciso que o professor descubra na criança suas reais potencialidades, respeite sua cultura de origem e compartilhe com ela o acervo que lhe pertence e que foi acumulado desde o nascimento.

Esse procedimento integra, efetivamente, o alfabetizando ao processo educativo. É uma tarefa de fôlego e que reclama uma permanente atitude de vigilância.

Compreende-se então que, para lograr êxito, o alfabetizador necessita perceber a alfabetização como um fenômeno sociolingüístico.

É preciso formar melhor os professores, é preciso mostrar-lhes a importância de um bom embasamento profissional a fim de que seu desempenho junto ao aluno seja realmente satisfatório.

Quando se alfabetiza, transmitem-se os fundamentos que estruturam uma determinada língua. Desse foco de análise, a estrutura lingüística, ramificam-se algumas variáveis como o ambiente social, a herança cultural, os registros locais da fala, fatores de ordem física e até emocionais, que ajudam a compreender a intrincada aquisição da faculdade de ler e escrever.

A educação, como via de desenvolvimento e superação de obstáculos, determina ações conscientes e planejadas no sentido de que o processo educativo ganhe corpo e exerça funções bem definidas.

Quando se educa, firmam-se compromissos, responsabilidades são assumidas.

Entende-se assim, que o professor não deve ser um mero repassador de informações, um simples repetidor de modelos já experimentados e de conteúdos diversos e, muito menos, uma presa ingênua de modismos educacionais estéreis. Seu papel é muito mais relevante. De sua atuação, exige-se desenvoltura, de sua prática pedagógica, impõe-se uma compreensão exata e profunda do ofício que exerce.

Na caminhada educacional de uma criança cega, podem ocorrer inúmeras dificuldades que, se não forem sanadas a tempo, hão de trazer-lhe graves prejuízos e, às vezes, irrecuperáveis danos.

As pesquisas demonstram, a partir dos estudos de Jean Piaget (1971), que a função cognitiva de crianças portadoras de deficiência visual desenvolve-se bem mais lentamente, comparando-se com o desenvolvimento de crianças videntes. Assim, é normal observar-se alguma falha do desenvolvimento entre os aspectos operacional e simbólico do seu pensamento. Isto traz, como consequência mais séria, a dificuldade na formulação de conceitos.

As pesquisas enfatizam a necessidade de as crianças cegas terem experiências físicas e diretas com os objetos reais e interagirem verbalmente com adultos e também com crianças, membros do seu próprio grupo para aprenderem sobre o “mundo” que as rodeia.

A obra de Piaget oferece à educação especial uma base de referência para o entendimento das manifestações comportamentais e do funcionamento cognitivo. Tais estudos a respeito do desempenho do pensamento ajudam a compreender o potencial intelectual de crianças cegas e a analisar as estruturas e os processos do pensamento pré-operacional e operacional.

Afirma Lowenfeld (1977): “Uma operação é definida como uma ação capaz de ocorrer internamente, e da qual, segundo Piaget, a característica essencial é a reversibilidade”. (p. 302)

Isto serve de dado para que se possa diferenciar mais facilmente entre o potencial intelectual e certas deficiências na imagem mental simbólica. Estudos nesse campo parecem indicar que crianças cegas sofrem um atraso no seu desenvolvimento, isto é, há uma comprovada lentidão no desenvolvimento através dos diferentes estágios evolutivos. Dessa forma, pode abrir-se uma lacuna de desenvolvimento entre o aspecto operativo e figurativo do pensamento.

O conhecimento dos atrasos, das falhas cognitivas e das dificuldades de formar conceitos simbólicos leva os professores a compreenderem como se dá o processo de aprendizagem da maioria das crianças cegas e as dificuldades que nele se verificam.

Conhecer as necessidades desse educando é a base do trabalho na sala de aula.

Compreender as condições de aprendizagem desse educando é o ponto de partida para que a ação pedagógica se faça dentro de uma visão mais crítica e conseqüente.

Promover o crescimento global desse educando é a luta pela consecução de um objetivo humanístico, a realização de um projeto de cidadania que visa à construção de um indivíduo inteiro e capaz de suplantar limites e de enfrentar impossibilidades.

O educador precisa estar cômico da grandeza e da complexidade dessa empreitada, deve ser um observador severo de si mesmo, necessita ficar atento à trajetória evolutiva do aluno, tem de ser um estudioso permanente da área educacional em que milita.

## A s p e c t o s e d u c a c i o n a i s i m p o r t a n t e s

Percebe-se, desde muito cedo, que a criança cega vai deparar-se com sérios entraves nas etapas evolutivas do seu desenvolvimento. Não havendo um trabalho criterioso e imediato de estimulação dos sentidos remanescentes e um adequado programa de psicomotricidade dirigido às dificuldades naturais trazidas pela cegueira, essa criança sofrerá, certamente, perdas significativas no armazenamento de conhecimentos e na aquisição de capacidades. Tais déficits deverão ser o mais rápido possível trabalhados ou mesmo evitados.

Avalia-se mais profundamente essa questão quando se faz o cotejo entre o processo evolutivo de uma criança vidente e de uma criança cega.

Com referência à incursão pelo “caminho da escrita”, nota-se que a criança vidente se apropria desse bem cultural sem que disso se dê conta. Os “objetos de escrita” ali estão ao seu redor, ao alcance de sua mão, fazendo parte do seu cotidiano. Caneta, lápis, giz etc. são instrumentos de descobertas, veículos mágicos que estimulam sua curiosidade e instigam sua imaginação. Pelo fenômeno da imitação, a criança, ainda muito pequena, penetra no “mundo da escrita”; reproduzindo atos, incorporando atitudes, formando juízos a partir do comportamento e da observação contínua dos hábitos dos adultos.

O desejo de escrever revela-se inicialmente de maneira inconsciente. Rabiscos e mais rabiscos deflagram esse processo interno. A criança não precisa necessariamente de uma folha de papel, de um caderno. As paredes, o chão, os móveis, as vidraças, os espelhos, enfim, qualquer superfície lhe serve de base para seus experimentos: riscos, cobrinhas, ondinhas, bolinhas e outras criações gráficas.

Pouco mais tarde, chega o desenho. É uma fase importantíssima de criatividade onde surgem novas representações.

Já ao final da pré-escola, a criança começa a integrar-se verdadeiramente ao sistema de escrita. Aquelas marcas no papel indicam mensagens, passam idéias, declaram sentimentos.

Nesse período, através de atividades quase sempre lúdicas a criança trabalha movimentos, amadurece músculos, ganha firmeza no pegar do lápis. O trabalho com os dedos (polegar e indicador) fortifica o jogo articulatório do punho.

Quando começa a escrever, de fato, a criança experimenta um grande número de possibilidades cujo resultado mais apreciável é a riqueza do grau de oportunidades que acumula. É um momento de intensa mobilização interna. Tudo que lhe cai nas mãos pode tornar-se um instrumento de escrita: um graveto que risca a terra, um palito de picolé que registra algo na areia da praia, a ponta dos dedos sobre uma superfície empoeirada, tudo produz contornos significativos e encantatórios.

Desse modo, vê-se a criança crescer e, imediatamente, dominar o seu próprio corpo, adquirindo habilidades, melhorando desempenhos motores.

A criança cega não passa com tal naturalidade por essas experiências enriquecedoras. Falta-lhe a condição de imitar; acaba, por essa razão, não tendo reais oportunidades de aprendizagem. O ato da escrita, tão simples e prazeroso para uma criança vidente, transforma-se numa lacuna para ela nos primeiros anos de sua vida.

Este é um problema que traz defasagens sensíveis e marca, geralmente, o atraso da criança cega na aquisição e, posteriormente, no domínio da escrita.

Os professores, principalmente os que atuam na pré-escola, devem preocupar-se com o assunto e cuidar para que as falhas, que porventura se tenham instalado nesta área, sejam diminuídas ou até eliminadas.

É necessário que a criança cega entre em contato com a escrita, ainda que de maneira assistemática. Fortalecendo musculaturas, exercitando articulações, ampliando movimentos, ajustando condutas motoras, adquirindo habilidades, refinando percepções e alargando o nível de informações, a construção da escrita acontecerá com maior probabilidade de sucesso.

A criança cega, como a vidente, necessita passar por experiências no ato de escrever. O punção, a reglete ou a máquina de datilografia Braille devem estar ao seu alcance para despertar-lhe a vontade e o interesse pela escrita.

Essa criança precisa e tem o direito de vivenciar um estágio lúdico, descompromissado, no instante dessa apropriação tão importante e complexa.

O professor alfabetizador deverá levar ao aluno opções de materiais que o façam experimentar as mesmas sensações de alegria e de prazer vividas por qualquer criança que descobre a magia e o encanto do elemento escrito.

Esponjas, placas de borracha, isopor ou de cortiça, bastidores de bordado revestidos de papel constituem-se em recursos simples, e ao mesmo tempo valiosos, para que o educando se familiarize com o ato de pegar o punção, perfurar o papel, explorar o espaço da folha, combinar pontos.

É importante que a “cela Braille”, mesmo que de forma representativa, entre nessa etapa do trabalho. Por isso, todo esse material de pré-escrita deverá ter a forma retangular, figura que evoca a “cela Braille” verdadeira.

O convívio com essas práticas pedagógicas abrirá um vasto campo de possibilidades para quem, a priori, parece tão distante das coisas mais elementares, porém, absolutamente necessárias e possíveis dentro de uma nova postura educacional.

Convém, por conseguinte, que o professor tenha sensibilidade e use seu poder inventivo para oferecer à criança cega ferramentas próprias para que atinja um nível real de eficiência e de auto-estima.

Os materiais concretos para a confecção desses recursos didáticos existem e devem ser utilizados em larga escala.

Procedendo dessa maneira, o alfabetizador porá o educando diante de si mesmo, propiciando-lhe entender ser ele o artífice, o construtor de alguma coisa que comunica emoções, que mexe com a fantasia, que obtém respostas às fabulações mais íntimas do universo infantil.

## N o ç ã o d e s í m b o l o

Para uma criança alfabetizar-se, é fundamental que adquira noções básicas para que possa entender o processo de aprendizagem no qual está envolvida.

Uma das noções mais importantes nessa fase é a noção de símbolo.

Quando uma criança vidente se encontra diante de uma folha de papel em que se registram riscos pretos, aqueles sinais, para ela, precisam adquirir uma significação representativa. O mesmo acontece com uma criança cega quando entra em contato com o conjunto de pontos que forma os caracteres do Sistema Braille. Aqueles pontos precisam adquirir também um valor simbólico.

É necessário que a criança compreenda que aqueles riscos ou pontos representam símbolos dos sons da fala. Uma criança que não estabelece uma relação simbólica entre dois objetos, não aprenderá a ler.

A idéia do símbolo é muito complexa, ensina Câmara (1970): “Símbolo – em sentido lato, é aquilo que substitui convencionalmente qualquer coisa para funcionar em seu lugar, ao contrário do sinal que não carrega em si a idéia de substituição.”(p. 350)

Assim, o símbolo é algo cujo sentido é convencionalmente pré-estabelecido. Em tempos de guerra, um pedaço de tecido branco, simboliza rendição, é um gesto de paz.

O alfabetizando precisa ser capaz de entender que cada um daqueles risquinhos pretos ou conjunto de pontos servem como símbolo de um som da fala.

A noção de símbolo é um ponto fundamental para que alguém se alfabetize.

Sabe-se que o simbolismo se instala na criança desde muito cedo.

A apreensão do símbolo implica a representação de um objeto ausente; é a comparação entre um elemento imaginário e outro existente. É, pois, uma representação fictícia. Entende-se assim, que essa comparação consiste numa assimilação deformante.

Quando se vê uma criança empurrando uma caixa dizendo tratar-se de um carrinho, ela representa simbolicamente o carro, satisfazendo-se com aquela ficção. Nesse caso, o vínculo entre o significante (caixa) e o significado (carro) permanece inteiramente subjetivo.

Demonstra Piaget nos seus estudos que o jogo simbólico só aparece na criança no segundo ano do seu desenvolvimento.

Esclarece o pesquisador suíço em 1971: “Com efeito, o simbolismo principia com as condutas individuais que possibilitam a interiorização (a imitação tanto de coisas como de pessoas) e o simbolismo pluralizado em nada transforma a estrutura dos primeiros símbolos.”(p. 7)

Quando as representações são organizadas por crianças maiores, o simbolismo ganha maior aperfeiçoamento em relação aos símbolos rudimentares criados pelas crianças menores. Observa-se isso nas brincadeiras onde entram cenas que evocam aulas, consultas médicas, cuidados com bebês etc.

Pouco a pouco, o símbolo lúdico se transforma em representações adaptadas em montagens e informes das crianças pequenas, que as crianças mais velhas convertem em construções bem mais elaboradas através do desenho, da pintura, da modelagem, da dobradura de papel, da dramatização, entre outros.

Portanto, intervém um elemento de imitação nos símbolos e esse elemento constitui com o objeto dado o “simbolizante” (significante), ao passo que o “simbolizado” é o objeto ausente em nível meramente representativo, evocado pelo gesto imitativo e pelo objeto dado.

Para dar ou reforçar a noção de símbolo às crianças que se alfabetizam, sugere-se trazer para elas um grande número de material que lhes remeta esta idéia.

## 1. Crianças videntes

- *flâmulas de clubes de futebol;*
- *bandeiras de diferentes países;*
- *motivos religiosos;*
- *amuletos;*
- *emblemas;*
- *sinais de trânsito;*
- *fotografias;*
- *paisagens;*
- *gestos convencionais (aperto de mão, gesto de adeus, pedido de silêncio);*
- *diversos tipos de pegadas no chão (sinal de chuva – poças d'água, marcas de pés humanos – pés de criança, pés de adulto, marcas das patas de animais).*

## 2. Crianças cegas

- *recurso auditivo – diferentes tipos de apitos (guarda de trânsito, fábricas, navios, trens);*
- *toque de sirenes (ambulância, carros de bombeiro e polícia);*
- *toques diferenciados de sinos;*
- *recurso olfativo (cheiro de terra molhada indicando chuva, cheiro de fumaça indicando fogo);*
- *jogos de papéis (brincar de médico, de telefonista, de professor);*
- *imitar pessoas e vozes de animais.*

Tal procedimento deve ser adotado desde a pré-escola. Todavia, o alfabetizador precisa estimular o mais possível o seu aluno, lembrando-se de que muitas crianças têm, nas classes de alfabetização, a primeira oportunidade de uma vivência educacional conscientemente dirigida ao seu desenvolvimento.

T r a b a l h a n d o   a   q u e s t ã o  
s e n s o r i a l

Um dos aspectos mais importantes no momento em que a criança se alfabetiza é a capacidade de discriminar as letras. O alfabetizando precisa desta capacidade bem trabalhada para diferenciar as formas destas representações gráficas. Tanto em tinta como em Braille, as letras apresentam formas bastante semelhantes. Para distingui-las, reclama-se um grande refinamento da percepção visual ou tátil.

Demonstra a lingüista Miriam Lemle (1990): “A letra p e a letra b diferem apenas na direção da haste vertical, colocada abaixo da linha de apoio ou acima dela. O b e o d diferem apenas na posição da barriguinha em relação à haste. O p e o q diferem entre si por este mesmo traço, isto é, a posição da barriguinha.”(p.8).

No Sistema Braille, o d e o f diferem porque o terceiro ponto que os forma, na letra d, fica à direita, abaixo do segundo ponto do traço superior; na letra f, o terceiro ponto fica à esquerda, abaixo do primeiro ponto do traço superior.

O h e o j diferem apenas na posição do ponto da parte superior. O h é formado por dois pontos no centro da cela Braille e o terceiro ponto posiciona-se imediatamente acima e à esquerda; o j é formado por dois pontos no centro e o terceiro ponto coloca-se acima e à direita.

Continua Lemle (1990): “Note que os objetos manipulados no nosso dia-a-dia não se transformam ao mudarem de posição. Uma escova de dentes é sempre uma escova de dentes, esteja virada para cima ou para baixo.”(p. 8)

Entretanto, a vogal e, que se alonga para cima, passa a ser !; em Braille, virando-se o m de cabeça para baixo, tem-se a letra u. O m é formado por dois pontos em cima na cela Braille e um ponto embaixo à esquerda, havendo um espaço vazio entre o ponto de cima e o ponto de baixo. O u é formado por dois pontos na parte inferior da cela e um ponto em cima à esquerda, havendo uma separação entre o ponto de baixo e o ponto de cima.

As distinções são muito leves. A criança que não percebe essas diferenças tem dificuldade para alfabetizar-se.

Para que ela possa discriminar as formas das letras, deve ser conduzida a executar livremente exercícios de escrita e de leitura. Para a criança vidente, o desenho, as formas geométricas e o trabalho com linhas verticais, horizontais, curvas, inclinadas etc. servirão para que a criança se anime a reproduzir as letras com as quais entra em contato cotidianamente.

O alfabetizando cego precisa exercitar igualmente a escrita para discriminar e dominar os caracteres do Sistema Braille. Para isso, é indispensável trabalhar o espaço da cela Braille. Esses exercícios deverão explorar os pontos das partes superior, mediana e inferior, promovendo inúmeras combinações. Outros exercícios deverão explorar a lateralidade: pontos trabalhados à direita e à esquerda.

Tais exercícios, em princípio, deverão ser feitos de forma livre, compondo formas variadas. Depois, as atividades terão de ser dirigidas para que a criança forme letras discriminando-as na leitura tanto quanto na escrita.

É importante trabalhar-se outro fundamento da alfabetização: aquele referente aos sons da fala.

Um aspecto de suma relevância no processo de alfabetização é a consciência da percepção auditiva. Se as letras simbolizam os sons da fala, é fundamental que a criança saiba ouvir e interpretar diferenças lingüisticamente relevantes entre esses sons. Quando se instala o mecanismo da percepção sonora, o alfabetizando é capaz de escolher a letra certa para simbolizar o som que ouve.



Vejam-se as palavras pai e vai. A diferença entre ambas as palavras está apenas na realização da consoante inicial nos dois vocábulos. O p é uma consoante oclusiva, enquanto o v é uma consoante constrictiva fricativa.

Em tela e dela percebe-se um outro traço distintivo. Ambas as consoantes iniciais são oclusivas, todavia, o t é enunciado sem voz, é um ruído seco com pouca vibração das cordas vocais (consoante surda) e o d é enunciado com voz, maior vibração das cordas vocais (consoante sonora).

Nas palavras si e sim, o único traço que as diferencia é o da nasalidade da vogal i.

Pode-se concluir, portanto, através da afirmação de Lemle (1990): “É claro que só será capaz de escrever aquele que tiver a capacidade de perceber as unidades sucessivas de sons da fala utilizadas para enunciar as palavras e distingui-las conscientemente umas das outras. Note que análise a ser feita pela pessoa é bem sutil: ela deve ter consciência dos pedacinhos que compõem a corrente da fala e perceber as diferenças de som pertinentes à diferença de letras.”(p. 9)

O professor deve incentivar a criança a ouvir para poder discriminar sons. Para isso, ele precisa criar, na sala de aula, um ambiente propício. Deverá ainda, juntamente com as crianças, fazer listas de palavras que comecem e outras que terminem com o mesmo som.

Deverá trabalhar com palavras rimadas, deverá apresentar canções que contenham a repetição de sílabas, brincar de telefone sem fio, inventar jogos de palavras onde apareçam onomatopéias, palavras com valor imitativo (ruídos de objetos, vozes de animais, barulhos da natureza), deverá cantar melodias vocalizando as notas: á – á – á ... é – é – é ... ê – ê – ê ... etc.

## U n i d a d e p a l a v r a

Após todos esses procedimentos, chega-se à unidade palavra. Para o alfabetizando é indispensável a apreensão desse conceito. Essa noção não oferece às crianças muitas dificuldades.

O importante na idéia da unidade palavra é que elas entendam que a palavra é a base da relação simbólica contida numa mensagem lingüística. Essa relação se estabelece entre conceitos e sons da fala. Tem-se aí, o que se denomina signo lingüístico. Explica Saussure (1972): “Chamamos signo a combinação do conceito e da imagem acústica”. (p. 81)

A unidade lingüística é, pois, algo que apresenta um sentido duplo, reunindo dois termos na mente humana. Associam-se assim, o significante (material sonoro, fonema – impressão sensorial) que se junta a outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato, o significado.

Veja o exemplo que se segue: pá; nesse signo lingüístico tem-se a seqüência de sons [p e a]. Representando a unidade de sentido, tem-se o conceito: instrumento usado para recolher o lixo.

Denomina-se palavra a união de sons e sentidos que o homem utiliza como base da construção do seu pensamento.

Quem vai aprender a escrever deve saber isolar, na corrente da fala, essas unidades que deverão ser escritas entre os espaços vazios.

## U n i d a d e f r a s e

Uma outra unidade da estrutura da língua que precisa ser levada ao alfabetizando é a frase (todo enunciado que transmite um pensamento, uma mensagem). É preciso dar-lhe logo de início a noção de que a frase sempre começa com letra maiúscula e termina com sinais de pontuação.

O reconhecimento das frases é muito importante e deve ser colocado num bom programa de alfabetização logo ao início do processo. A consciência dessa unidade virá ao correr das primeiras leituras do alfabetizando.

O alfabetizador deverá enriquecer o vocabulário da criança, mostrando-lhe objetos variados.

Em se tratando de crianças cegas, precisa fazê-las manusear o maior número de coisas possível: partes do corpo, peças do vestuário, flores, plantas, utensílios domésticos, móveis, miniaturas diversas.

Deverá ainda trabalhar palavras novas: graus de parentesco, nomes de lugares, sentimentos, profissões etc.

Deverá fazer a criança contar quantas palavras há numa expressão ou frase: boneca pequena, cavalo ligeiro; a menina pula corda.

Deverá levar a criança a localizar a mesma palavra colocada em duas posições diferentes, em duas frases diferentes: o gatinho passeia sobre o muro; Raquel ganhou um lindo gatinho.

Na primeira frase, vê-se o substantivo gatinho no início da mensagem (sujeito da oração); na segunda, vê-se o mesmo substantivo no final da frase (complemento do verbo ganhar).

A última questão a ser analisada como fundamento para o alfabetizando é a compreensão da organização da página escrita. A ordem significativa das letras é da esquerda para a direita e a ordem significativa das linhas é de cima para baixo. Essas noções precisam ser ensinadas e determinarão o movimento correto dos olhos ou das mãos no ato da leitura.

Mesmo que as crianças ainda não saibam ler, o professor deverá fazê-las manusear textos escritos em Braille. A leitura assim se fará presente em suas novas aquisições e fará parte do conjunto dos seus mais novos interesses.

Na fase inicial, denominada fase da pré-leitura, o professor precisará confeccionar folhas de exercícios que contenham linhas de diferentes tamanhos, colocadas de modo a explorar o espaço da página (no alto, no centro, embaixo), contagem de linhas: em cada página a criança deverá ser conduzida a contar as linhas existentes nela; esses exercícios deverão ser gradativos.

A criança deverá entender a existência de linhas contínuas, interrompidas, tracejadas, pontilhadas etc.

Em cada mesinha deverá haver um alfabetário Braille. Todo o material manuseado pela criança deverá ser marcado com etiquetas em Braille. É imprescindível que a presença do Braille se faça forte e significativa desde os primeiros contatos da criança na escola.

L í n g u a e l i n g u a g e m :  
d o i s i n s t r u m e n t o s  
s o c i a i s

É preciso entender-se bem esses dois fenômenos. A língua é um sistema de símbolos vocais arbitrários usados por uma mesma comunidade social onde se processa a linguagem.

Entende-se, desse modo, que a língua é a expressão da consciência de uma determinada coletividade.

A linguagem é uma faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais, suas emoções, seus sentimentos por meio de um sistema de sons vocais; é a língua que os organiza numa representação significativa diante do mundo exterior (visão objetiva) e do mundo interior (visão subjetiva).

Conclui-se, pois, ser a língua um fenômeno cultural, que não existe em si mesma. Realiza-se no homem e nele é o resultado de uma herança herdada pela sociedade a que pertence. Fora do homem, a língua seria uma simples abstração.

Bechara cita Eduard Sapir, 1977: “É evidente que, até um certo ponto, o indivíduo humano está predestinado a falar, mas em virtude da circunstância de não ter nascido meramente na natureza e sim no regaço de uma sociedade, cujo escopo racional é chamá-lo para as suas tradições”. (p. 34)

Depreende-se assim, que a língua é um instrumento de utilização social da linguagem, criação da sociedade; não é imutável, pelo contrário, deve estar em permanente evolução, acompanhando o progresso do organismo social que a forjou.

É de suma importância que os alfabetizadores percebam o sistema de escrita como um elemento social. É, no dizer de Ferreira, 1991: “Um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade”. (p. 43)

A criança vidente, desde muito cedo, entra em contato com o “objeto escrito”. É um encontro valioso onde aqueles novos símbolos vão, aos poucos, introjetando-se devagar em sua mente e adquirindo significados inimagináveis. Para as crianças, a língua escrita é um meio significativo de comunicação, um veículo capaz de promover intercâmbios sociais – fornecendo dados, informações, integrando as pessoas no seu grupo social de origem.

Esses contatos são muito fáceis, intensos nos centros urbanos e nas camadas sociais mais elevadas.

Os livros, as revistas, os jornais, os letreiros, os rótulos de produtos, as etiquetas das roupas, a correspondência de modo geral, a televisão, tudo comunica algo: as mensagens se multiplicam e a interação entre a criança e o mundo se faz plena e geradora de inúmeros conceitos.

A língua é um instrumento de comunicação que estabelece um padrão cultural e atos individuais de comportamento social.

A linguagem é o tipo mais claro da ação comunicativa. Diz Cardoso, 1975: “quaisquer que possam ser as deficiências de uma sociedade primitiva julgada do ponto de vista de nossa civilização, sua linguagem constitui inevitavelmente um sistema simbólico de referência. Por outro lado, esse sistema é tão seguro, tão completo e tão potencialmente criador como a linguagem mais refinada de que temos conhecimento.

Tudo isso significa para a teoria da comunicação que os mecanismos de um entendimento significativo entre seres humanos são de tal forma complexos e ricos em harmonia numa sociedade refinada como numa sociedade primitiva”. (p. 162)

Entende-se por comunicação o mecanismo pelo qual existem e se desenvolvem as relações humanas em todos os níveis. Afirma Cardoso, 1975: “sem a comunicação, a mente não desenvolve uma verdadeira natureza humana, permanecendo num estado anormal, indescritível, nem humano, nem animal”. (p. 169)

Serve-nos como exemplo o caso de Helen Keller. Aos oito meses, viu-se ela privada ao mesmo tempo dos sentidos da visão e da audição. A partir desse fato, criou-se para a menina um estado de isolamento, que veio a romper-se quando Helen chegava aos sete anos de idade. Retomou-se aí, o contato social. Porém, nessa ocasião, seus impulsos eram primitivos e incontroláveis. Seu pensamento era desconexo e ela de quase nada se lembrava até o momento em que despertou aos sete anos. Vale dizer, entretanto, que nesse período inicial da vida sua mente não ficou alijada da convivência humana; se isto tivesse ocorrido, causaria conseqüências desastrosas e irreversíveis.

Durante a primeira infância, Helen Keller desfrutou de uma série de contatos sociais dentro do grupo familiar, coisa que conservou a natureza humana de sua mente, possibilitando-lhe um posterior desenvolvimento.

O relato da professora de Helen, Anne Sullivan, demonstra a importância da comunicação para o desenvolvimento da mente individual.

Semanas e semanas Miss Sullivan soletrou palavras nas mãos de Helen que as relacionava com objetos reais manipulados criteriosamente. Todavia, a compreensão nítida da imagem desses objetos não veio logo. A professora ensinava-lhe que tudo que a cercava tinha um nome e que cada coisa tinha um significado e uma função definida. Através desse conhecimento, ela pôde compartilhar com outras pessoas suas próprias experiências, aprendendo também com as experiências alheias. Daí, surge a idéia de intercâmbio de pensamentos.

O despertar de Helen Keller partiu do contato concreto e significativo entre ela e as coisas e as pessoas que a rodeavam. Essas experiências fizeram-na desenvolver-se intelectual e socialmente.

A palavra tem a força reveladora de diferentes contornos e matizes, reveste de significação todas as coisas existentes. O sistema de escrita, dentro do processo global da comunicação, é o mais forte agente de crescimento mental e social do homem. É imprescindível que os alfabetizadores de uma criança, pertença ela a uma classe desfavorecida ou elevada, saibam que esta é possuidora de um legado cultural e de um padrão lingüístico próprio.

## A f a m í l i a e o p r o c e s s o e d u c a t i v o

O período da alfabetização aciona estruturas complexas e estabelece esquemas mentais bastante elaborados. É um momento de efervescência emocional. Vitórias e tropeços movimentam o cotidiano escolar. As conquistas, na maioria das vezes, parecem ínfimas ante as dificuldades a serem enfrentadas. A lentidão no processo de obtenção de resultados favoráveis traz um sentimento de fracasso, esvazia desejos, instala condutas apáticas e de grande desinteresse.

Qual seja o desempenho educativo da criança, a família precisa estar presente. Ao sentir-se amada e principalmente valorizada, ela perceberá para si mesma probabilidades de êxito.

A família tem nessa fase da vida da criança cega uma responsabilidade imensa. O amor, a aceitação, o incentivo são fatores de segurança imprescindíveis para o seu sucesso.

Vencer desafios, ganhar crédito, acumular valores, é uma situação que indica a necessidade de haver equilíbrio e confiança nas relações entre a criança e os membros da família.

O afeto, o encorajamento, a auto-estima são a base de um comportamento sadio em que a coerência, a força interior e a alegria de viver criam condições possíveis para que qualquer indivíduo, não importa o patamar físico ou mental em que esteja, possa vivenciar sua aprendizagem e tomar em suas mãos as rédeas deste instante único e particular.

A família é o primeiro grupo social de que o homem faz parte. Do seu seio, o bebê emerge para o mundo. A qualidade da interação entre a criança e o grupo que forma o conjunto familiar traçará o perfil do indivíduo que vem para ocupar um lugar que é dele e que precisa ser garantido e legítimo.

A família é a mola propulsora da motivação, do interesse pela vida, da coragem.

Educa-se para a autonomia e para a independência. O estabelecimento do vínculo afetivo entre a criança e os membros da família e entre o educando e o educador fortalece as ligações interpessoais, estreita os laços de amizade, cristaliza o espírito de companheirismo.

Aos alfabetizadores deixa-se um alerta: como os estímulos externos são necessários ao desenvolvimento corporal, os estímulos psíquicos e sociais são indispensáveis ao crescimento humano.

## C o n c l u s ã o

A partir das idéias expostas, conclui-se que o processo de alfabetização requer múltiplas ações e um procedimento pedagógico aberto e seguro. A alfabetização de crianças cegas levanta questões delicadas e que precisam ser discutidas. A criatividade, o encanto e a liberdade de expressão têm de fomentar o ato dessa conquista.

Os fundamentos que estruturam esse processo alicerçam-se em quatro pilares: as áreas cognitiva, motora, em especial motora fina, sensorial e socioafetiva. Compatibilizando-se corpo e mente, teremos um indivíduo harmonizado consigo próprio e com o mundo, um ser capaz, verdadeiramente, de fazer-se o “sujeito” de sua história.

## B i b l i o g r a f i a

1. BECHARA, E. Moderna Gramática Portuguesa: curso de 1º e 2º graus. 22ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
2. CAMARA Jr., J. M. Dicionário de Filologia e Gramática. 4ª Ed. Revista e Aumentada. Rio de Janeiro: J. Ozon - Editor, 1970.
3. CARDOSO, F.H. & SANNI, O. Homem e sociedade: leituras básicas de Sociologia Geral. Nova Edição. São Paulo: Editora Nacional, 1975.
4. FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre a alfabetização. Tradução Horácio Gonzales (et. al.) São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.
5. LEMLE, M. Guia teórico do alfabetizador. São Paulo: Ed. Ática, 1990.
6. LOWENFELD, B. Our blind children, growing and learning with them. Springfield: Charles C. Thomas Publisher. 1977.
7. PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Tradução Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
8. SAUSSURE, F. Curso de Lingüística Geral. Trad. Antonio Cheleni, José Paulo e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1972.

Maria da Glória de Souza Almeida é professora de Língua Portuguesa do IBC, atuando também no Curso Superior Seqüencial de Complementação de Estudos na Área de Deficiência Visual, na cadeira de Alfabetização através do Sistema Braille, com especialização em Alfabetização.